

EXPERIÊNCIAS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE JOVENS E SENTIDOS ATRIBUÍDOS ÀS SUAS VIDAS

Maurício **Perondi** – PUC-RS

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

Este trabalho busca compreender os sentidos expressos por jovens acerca de suas experiências de participação social em quatro coletivos, da Região Metropolitana de Porto Alegre-RS: Instituto Ingá (movimento ecológico); cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares (educação popular); Instituto Cultural Afro-Sul/Odomodê (dimensão étnico-racial); e Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens (violência). Adotou uma metodologia qualitativa, com a participação direta de jovens na produção dos dados empíricos. Os referenciais foram tomados de autores que tematizam as juventudes, as culturas juvenis e a participação social: Carles Feixa, Alberto Melucci, Regina Novaes, Marília Pontes Sposito, Helena Abramo, Juarez Dayrell e Maritza Urteaga. Os dados empíricos estão organizados em três eixos, a) sentidos do passado, b) sentidos do presente e c) sentidos do futuro. A partir do estudo realizado é possível afirmar que a participação dos jovens nos coletivos em que atuam produz sentidos demarcadores em seus itinerários pessoais, tanto no passado como no presente assim como no futuro.

Palavras-chave: Juventudes. Culturas juvenis. Participação social. Narrativas de jovens.

EXPERIÊNCIAS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE JOVENS E SENTIDOS ATRIBUÍDOS ÀS SUAS VIDAS

Para tentar compreender os sentidos que movem os coletivos juvenis e os jovens em geral, é preciso deslocar o olhar do normativo, do instistucionalizado e do “dever ser”, em direção ao terreno do incorporado e do atuado; buscando que o eixo de “leitura” seja o próprio jovem que, a partir das múltiplas mediações que o configuram como ator social, “faça falar” a institucionalidade. (REGUILLO, 2000, p. 24). [*tradução nossa*].

Este trabalho trata dos sentidos que emergem das narrativas de sujeitos jovens, acerca de sua participação social, desenvolvida a partir de quatro experiências específicas em que estão envolvidos (uma ecológica, uma de educação popular, uma de identidade negra e outra sobre violência). Trata-se de uma análise compreensiva que procura perceber o que os jovens narram sobre as suas experiências e que sentidos estas têm para suas vidas.

O intuito da presente investigação não se centrou em examinar as organizações em si mesmas, seus projetos e resultados, nem quantificar as experiências ou verificar o tempo de participação dos integrantes o grupo. O interesse específico foi o de abordar, de modo particular, os elementos que emergem das narrativas dos jovens a respeito de suas experiências de participação social em tais grupos, bem como os sentidos produzidos para suas vidas, a partir dessas experiências.

O objetivo central foi compreender, a partir dos próprios jovens, como eles significam suas participações nestes espaços e como repercutem em suas vidas. As perguntas principais foram: Que sentidos os jovens manifestam/formulam/narram a partir de experiências variadas de participação social? O que pensam que muda/mudou em suas vidas a partir dessas vivências? Suas vidas seriam diferentes se não participassem destes coletivos?

Para Certeau (2008, p. 156) “o relato não exprime uma prática. Não se contenta em dizer um movimento. Ele o *faz*”. A partir da referência do autor buscou-se, não apenas investigar as práticas dos jovens, considerando seus relatos, mas compreender os significados que tais participações assumem para seus protagonistas.

Tais evidências podem ser compreendidas na afirmação de Melucci (2005):

Na vida cotidiana, os indivíduos constroem ativamente o sentido da própria ação, que não é mais somente indicado pelas estruturas sociais e submetido aos vínculos da ordem constituída. O sentido é sempre mais produzido através de relações e esta dimensão construtiva e relacional acresce na ação o componente de significado na pesquisa. (p. 29).

O autor aponta que no mundo contemporâneo os indivíduos constroem ativamente os sentidos de suas ações a partir dos diversos âmbitos da vida cotidiana, não se limitando aos indicativos das estruturas sociais e da ordem estabelecida. Tal perspectiva é que foi adotada nesta investigação, em que buscou-se compreender, a

partir das próprias narrativas dos jovens, quais sentidos eles atribuem à sua participação nos grupos, independentemente dos objetivos e características dos mesmos.

A participação social dos jovens

Contrariamente ao que se percebe, em muitos casos, no senso comum e na grande mídia, a preocupação dos jovens com as questões sociais não cessou de acontecer. Autores como Abramo (2004), Melucci (2001), Novaes e Vidal (2005) atestam que aconteceu uma mutação na participação dos jovens. Esta modificou-se consideravelmente diante das práticas que eram desenvolvidas por jovens em outros períodos históricos.

Além da participação em coletivos específicos, também se percebe uma grande participação de jovens em manifestações públicas, como foi o caso dos inúmeros eventos ocorridos em inúmeras cidades brasileiras, em junho de 2013.

Esta perspectiva também é destacada por Castro e Abramovay quando afirmam que

É diagnosticado em diversas pesquisas sobre juventude no Brasil, que o interesse e a participação dos jovens na vida pública não se esvaziou (BRENNER; CARRANO, 2008), ainda que os contextos sociais e econômicos estejam cada vez mais cedo encurralando jovens para o precário mercado de trabalho, tomando o tempo livre para agrupamentos; ainda que a mídia comercial tenda a manipular as muitas formas de resistência num disfarçado teatro de felicidade obtida simplesmente pelo consumo de apetrechos, os jovens vêm se mostrando bastante adaptáveis e adaptadores dessas condições. Ou seja, novas são as motivações objetivas que inibem o processo de participação juvenil, porém, muitas são as adaptações e mutações, engendradas pelos jovens, que favorecem os processos de participação. (2009, p. 39).

As autoras apontam dois motivos que dificultam a maior participação dos jovens em organizações da sociedade. De um lado está o contexto sócio-econômico, que leva os jovens a, cada vez mais cedo, ingressarem no precário mercado de trabalho, reduzindo seu tempo livre para integrar grupos e participar de ações concretas de mobilização. De outro está a mídia comercial que tende a manipular as formas de

resistência que são engendradas pelos sujeitos jovens, através de sua desqualificação ou invisibilizando-as.

Castro e Abramovay (2009) afirmam ainda que os jovens reinventam formas, fazem adaptações, extrapolam as forças que dificultam a sua participação. Deste modo, não deixam de atuar em diversos coletivos de mobilização com os quais se identificam.

A partir desta perspectiva, neste estudo adotou-se o conceito de participação social juvenil, considerando os envolvimento dos jovens em questões sociais que têm relação com a melhoria das condições de vida de sua comunidade, da sua escola e da sociedade como um todo. Quando se fala em participação social, não se limita ao pertencimento a determinadas instituições sociais, como a família, a escola, as igrejas, os clubes, entre outros. Outrossim, considera-se a atuação em situações concretas que visam melhorar suas próprias vidas e as de outras pessoas. Especialmente que se caracterizem como ações coletivas, realizadas conjuntamente com seus pares.

As novas formas e temas de participação da juventude apontam para um quadro de crise e mutação na esfera política “no qual a ação coletiva dos jovens, bem como os movimentos sociais, podem estar ocorrendo de formas múltiplas, variáveis e com níveis diversos de intervenção no social, muitas vezes de forma fluida e pouco estruturada” (DAYRELL; CARRANO, 2008, p. 18).

As diversas formas de participação social juvenil, sejam coletivas ou individuais, evidenciam a emergência de um campo novo de participação dos jovens, onde se percebe diversidade nos objetivos e nas formas (NOVAES; VIDAL, 2005). Para as autoras, as relações entre os participantes nem sempre são convergentes e pacíficas, pois muitos jovens encontram divergências e falta de aceitação de parte de outros nos grupos, gerando conflitos. Também existe o fenômeno contrário, em que vários jovens migram de um grupo a outro, ou então, têm participações simultâneas em diferentes organizações, pelas afinidades que encontram em tais experiências.

Sem pretender estabelecer uma tipologia abrangente e definitiva, Novaes e Vidal (2005) fazem uma diferenciação quanto aos diferentes grupos e movimentos de juventude. No primeiro grupo, que designam como “lugares usuais de participação política”, são destacados os seguintes segmentos: movimentos de representação estudantil universitária e secundarista; juventudes partidárias; juventudes ligadas a movimentos e organizações sindicais rurais e urbanas e grupos de jovens cristãos engajados. No segundo grupo, definido como “novos lugares, objetos e formas de participação cidadã” aparecem os grupos e redes de jovens de projetos sociais; grupos

de jovens que atuam para transformar o espaço local, nos bairros, favelas e periferias; grupos e redes que agregam jovens em torno de identidades específicas (indígenas, mulheres, negros, orientação sexual, jovens ambientalistas, etc); grupos que atuam nos espaços de lazer e cultura (grafiteiros, grupos musicais, teatro, dança e associações esportivas); grupos de jovens religiosamente motivados; grupos, movimentos e redes de juventude organizados a partir das políticas de/com/para a juventude.

Tais formas de participação social não acontecem de forma espontânea, tampouco abrangem todos os jovens, pois dependem de determinadas condições que os mobilizem. Para Melucci “a agregação não é possível se não existe certa coincidência entre os objetivos coletivos e as necessidades afetivas, comunicativas e de solidariedade dos seus membros” (2001, p. 98). Também são características desta agregação, o horizonte das ações realizadas no presente, de caráter imediato, com curta duração, pontuais e com objetivos determinados.

Melucci destaca que estas características constituem ao, mesmo tempo, a força e a fraqueza de atores coletivos, tais como os movimentos juvenis, feministas, ecológicos, étnico-raciais e pacifistas.

Ainda que determinadas ações desenvolvidas pelos jovens não tenham relação com os problemas da política em seu sentido próprio, Castro e Abramovay (2009) destacam que os jovens rejeitam o estigma de ingênuos e alienados políticos. Quando indagados se têm interesse e disponibilidade para a política, demonstram que sim, embora revelem desconfiança nos políticos eleitos e nas instituições oficiais. Esta descrença na política não é exclusiva dos jovens, mas também da população em geral, que expressa um desencanto com o restabelecimento das democracias na América Latina, que não lograram cumprir satisfatoriamente as promessas de superação dos problemas sociais e da corrupção, assim como não conseguiram consolidar formas efetivas de participação popular (ABRAMO, 2004).

Para Hanna Arendt (1998), os preconceitos contra a política são tão antigos quanto a democracia dos partidos. No entanto, ainda assim, não conseguem superar o desejo de liberdade que a política proporciona.

Por mais que haja desinteresse frente às formas políticas adotadas no presente, o desejo de participação e de atuação se sobrepõem às perspectivas de dominação e de cerceamento da ação das pessoas e dos grupos sociais em que estão engajadas. Para Sposito (2000), no Brasil este desejo de participação surge com maior intensidade durante o período de lutas contra a ditadura e na busca de caminhos para a transição

rumo à democracia. Ela destaca que “a partir do final da década de 70, nasce a ideia de participação da sociedade civil, sobretudo dos grupos e movimentos organizados, na formulação, implantação e acompanhamento das políticas públicas, em especial na área social” (p. 74).

Para os jovens, torna-se fundamental a dimensão da política, em seu sentido amplo, pois através dela têm possibilidade de exercerem sua autonomia e de se afirmarem diante das pessoas com as quais se relacionam.

Os jovens sujeitos e os caminhos metodológicos

A delimitação do campo investigativo desta pesquisa teve inspiração no estudo de Regina Novaes e Cristina Vidal, publicado sob o título *A juventude de hoje: (re)invenções da participação social*, que tem como base a pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*, do Projeto Juventude (ABRAMO; BRANCO, 2005). As autoras apontam quatro consignas mobilizadoras para a atuação dos jovens no mundo contemporâneo. A partir destes quatro âmbitos foi escolhido um coletivo juvenil correspondente à temática dos mesmos. Estes coletivos estão situados na região metropolitana de Porto Alegre/RS, sendo que um deles tem abrangência nacional.

Em princípio, pode parecer que o estudo seja muito abrangente pelo fato de ser realizado junto a quatro coletivos, o que poderia torná-lo muito amplo. No entanto, como não teve objetivo de analisar as organizações em si ou até mesmo de realizar comparações entre eles, percebeu-se que seria possível desenvolver a pesquisa, pois o problema central da investigação esteve localizado na experiência própria dos jovens.

Na sequência são apontadas as quatro consignas e o grupo representativo que foi escolhido para cada uma delas.

Consigna 1 – Por uma sociedade ecologicamente sustentável

Para a pesquisa nesta consigna foi escolhido o Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais-InGá, que atua diretamente com as questões ambientais e ecológicas. A maior parte dos membros do InGá é constituída de jovens entre 18 e 29 anos. Alguns já concluíram o ensino superior, outros são estudantes de graduação e alguns não ingressaram ainda na universidade.

Consigna 2 – Pelo acesso à educação, ao trabalho e à comunicação

No contexto dessa consigna escolheu-se o Cursinho pré-vestibular Zumbi dos Palmares para a realização da pesquisa. A organização do Zumbi é articulada por professores voluntários que auxiliam tanto nas questões administrativas como na prática docente. Os integrantes do cursinho defendem que o mesmo não é uma ONG, mas um movimento social. Outra característica percebida no grupo é que vários ex-alunos, que ingressam no ensino superior, acabam retornando ao projeto para contribuírem ministrando aulas para outros estudantes. Também há o caso de jovens que ainda não concluíram sua graduação e que buscam o cursinho como uma primeira experiência de docência.

Consigna 3 – Pelo reconhecimento de demandas de grupos com vulnerabilidades específicas e pelo respeito à diferença

Para a realização da pesquisa, nesta consigna, optou-se pelo grupo de danças Odomodê¹, que integra o Instituto Afro Sul. Ele foi criado a partir da proposição de um trabalho social que valorizasse a cultura negra, que procurasse superar a vinculação estritamente ao carnaval. Os participantes são adolescentes, jovens de rua e jovens de comunidades carentes que têm a oportunidade de aprender e de praticar a cultura afro-brasileira com o trabalho social desenvolvido pelo grupo.

Consigna 4 – Pela paz e pelo respeito aos direitos humanos

Para a realização da pesquisa neste âmbito, optou-se pela experiência de jovens que atuam na “Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens”, atividade promovida pelas Pastorais da Juventude do Brasil, organizações ligadas à Igreja Católica. Esta Campanha é uma ação articulada com diversas organizações, para levar à sociedade o debate sobre as diversas formas de violência contra a juventude, especialmente o extermínio de milhares de jovens que está acontecendo no Brasil. Com isso, ela objetiva avançar na conscientização e desencadear ações que possam mudar essa realidade.

A pesquisa com os jovens dos quatro coletivos baseou-se numa metodologia qualitativa, concretizada através da proposta de narrativas juvenis, que tem inspiração no conjunto amplo das histórias de vida, do campo da sociologia compreensiva

¹ O nome Odomodê foi escolhido pelo seu significado na língua africana yorubá: “jovem, novo, garoto”, visto que o grupo está voltado prioritariamente à participação de jovens. Neste trabalho o grupo será denominado Afro Sul/Odomodê.

(KAUFMANN, 1996), das teorias microsociológicas e da etnometodologia (LAPASSADE, 1996).

Para a realização da pesquisa foram convidados dois jovens de cada uma das organizações a participarem de um curso de formação intitulado “Juventude, participação social e narrativas juvenis”. Estes jovens contribuíram diretamente com o processo de investigação, visto que cada um deles foi convidado a entrevistar outros três membros de sua organização, constituindo um total de 24 participantes.

Narrativas de jovens em três eixos: passado, presente e futuro

Após criteriosa análise dos dados, concluiu-se que os sentidos expressos pelos jovens em suas narrativas poderiam ser reunidos em três grandes eixos: passado, presente e futuro. Tal definição foi possível porque os relatos variavam entre situações que haviam sido vivenciadas ao longo de sua trajetória no grupo (passado), outras que tinham seu foco no momento atual (presente) e, por fim, um terceiro conjunto que referia os seus projetos de porvir (futuro).

É preciso considerar que os três tempos, passado-presente-futuro, não se constituem como momentos lineares na vida dos sujeitos, pois, como afirma Ricouer (2007), os mesmos não podem ser separados, visto que estão intimamente interligados.

Com relação ao eixo do passado, os jovens enfatizam que a participação nos grupos contribuiu sobremaneira para que diversos aspectos vivenciados se constituíssem como elementos demarcadores de seus itinerários, entre os quais se destacam: os processos de identificação e de crescimento pessoal, a superação de dificuldades e conflitos, as relações intergeracionais com adultos e pessoas mais idosas e as contribuições para suas opções profissionais. Enfatizam que, caso não tivessem a oportunidade de participar de seus coletivos, possivelmente tais aspectos não seriam possíveis de serem construídos e não contribuiriam como dimensões marcantes em suas vidas.

Ao falar de tais aspectos uma das jovens participantes destaca:

Com o tempo eu fui entendendo que o grupo não era apenas um grupo de dança, que o grupo tem um outro papel, um papel social. O grupo foi muito importante pra mim, porque na época que eu entrei eu era bem pré-adolescente. (...) eu vi a importância que esse grupo fez, assim, para a modificação da minha vida, inclusive na minha questão profissional. Acho que me

ajudou muito essa questão social, de como trabalhar em grupo, de entender um pouco mais sobre a minha cultura, também de resgatar a autoestima em mim, porque no momento que eu entro naquele grupo eu me identifico com as pessoas que estão lá, então eu tenho um outro papel na sociedade, diferente do que eu tava acostumada. Então a nossa auto-estima ela fica diferente. (Tânia², Afro Sul-Odomodê).

Em seu relato a jovem Tânia utiliza literalmente a expressão “modificação de minha vida” para frisar o processo vivenciado simultaneamente à participação no grupo e seus desdobramentos para a sua trajetória. Aponta mudanças na dimensão profissional, no aprendizado quanto a trabalhar em grupo, no entendimento de sua cultura (afrodescendente), no resgate de sua autoestima, na identificação com os demais participantes e, conseqüentemente, no modo como concebe seu papel na sociedade.

Para Mannheim,

quem experimenta a mudança de suas próprias circunstâncias não se percebe em termos fixos e definitivos. Sua visão nunca se torna compacta, por desprender-se de qualquer esquema antes de cristalizar em torno de uma imagem nítida do mundo. A autosuficiência inabalável também já não pode mais ser um ideal. Bastar-se a si próprio é o ideal de uma sociedade firmemente arraigada ao passo que o tipo representativo de nossa era tem as características de Proteu, sempre a transcender e reconstruir a si próprio, impulsionado pelas forças da renovação e da reforma. (MANNHEIM, 2008, p. 69-70).

O autor destaca que uma das principais características dos sujeitos contemporâneos (segunda metade do século XX) pode ser associada ao mito de Proteu e sua capacidade constante de metamorfose diante das necessidades que lhe aparecem. Tal situação é referida pelos jovens participantes da pesquisa, ao destacarem que a experiência nos grupos oportuniza mudanças significativas em suas vidas, contribuindo para o crescimento pessoal.

Outra jovem, ao narrar a sua experiência de participação aponta:

Se eu não participasse do grupo, com certeza a minha vida seria diferente; eu não estaria, vamos resumir, nem trabalhando no lugar onde eu trabalho hoje, nem convivendo com as pessoas que eu

² Os nomes dos jovens foram substituídos para preservar as suas identidades.

convivo hoje, nem consumindo do modo que eu consumo hoje, que é um modo muito mais responsável do que um ano e meio atrás. Mudou muito a minha vida e com certeza se eu não tivesse conhecido, se eu não tivesse participado, hoje eu..., não sei, a gente não sabe do futuro, mas, provavelmente eu seria a mesma bobinha assim, que está por fora, alienada de várias coisas, dentro do seu próprio habitat. Acho que isso mudou muito; mudou cem por cento minha vida. (Érica, Instituto InGá).

O relato da jovem Érica acerca de como a sua participação no InGá aponta para a modificação de si e do seu crescimento pessoal, que denota algo que os sujeitos contemporâneos se deparam de um modo mais incisivo com a necessidade de construir a própria vida, a partir das relações que estabelecem (Melucci, 2004).

Com relação ao eixo do presente, os jovens enfatizam os sentidos pessoais, com contribuições para as definições de identidade, formação e realização pessoal. Também são frisados os sentidos de sociabilidade, com referência especial aos aspectos grupais, tais como a amizade, a coletividade e a convivência, que são afirmados como aspectos demarcadores de seus itinerários.

Os excertos abaixo são emblemáticos à compreensão do problema central deste estudo, em que os jovens relatam explicitamente os sentidos que a participação em seus coletivos tem para as suas vidas:

Pra mim, o sentido em participar do InGá é um sentido total né cara, sentido pleno, se sentir a vontade na vida, fazendo aquilo que o cara curte fazer, aquilo que faz bem. (Miguel, Instituto InGá).

Acho que muitas pessoas hoje acabam se acomodando perante as coisas que acontece e eu to dispondo do meu tempo, dispondo da minha juventude por uma causa. (Ágata, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Bah, é demais estar aqui. Acho que eu não seria esta pessoa que eu sou hoje, se eu não estivesse aqui. Talvez eu estivesse trabalhando num lugar, “batendo caixa”, mais valia em si, trabalhando para dar dinheiro pra patrão, não criticando, não opinando. Então, o Zumbi é essencial para a minha vida. (Igor, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

Nos três relatos, os jovens manifestam satisfação e realização pessoal em integrar o grupo e como isso faz bem para suas trajetórias. Expressões utilizadas por eles tais como “se sentir à vontade na vida”, “dispor minha juventude por uma causa” e

“o Zumbi é essencial para a minha vida”, denotam que as experiências dos participantes constituem-se como marcos em definidores para suas vidas.

De acordo com Errante (2000),

As narrativas revelam o alinhamento dos narradores com certos indivíduos, grupos, ideias e símbolos através dos quais eles externalizam seus maiores valores, qualidades positivas e de orgulho para si mesmos. (p. 142)

Para a autora, quando os narradores se identificam com determinados grupos, sujeitos, ideias e símbolos eles revelam suas qualidades e têm orgulho de si mesmos. É o que transparece nas narrativas dos três jovens citados, em que eles falam com orgulho da realização pessoal que têm em constituir estes coletivos e o quanto isso tem sentido para suas trajetórias.

Ao falar de sua experiência no grupo, outra jovem destaca:

O Zumbi é hoje fundamental pra mim. Eu comecei em 2009 com poucas pretensões, apenas com a ideia para ter uma experiência de sala de aula, aí naquele ano, enquanto outros professores saíram, eu vi que eu tinha uma importância para aqueles alunos e eu decidi ficar. Optei por continuar ali e naquele momento eu vi o quanto eu era importante para aquelas pessoas, para aqueles alunos e aí o Zumbi passou a ter mais espaço e mais sentido na minha vida. Então o papel do Zumbi na minha vida é fundamental; ele preenche as minhas expectativas, as coisas que eu tenho vontade de realizar. Eu me sinto realizada aqui. (Nicole, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

Outro aspecto referido pela maioria dos participantes da pesquisa é a dimensão da sociabilidade e da amizade, evidenciando a sua centralidade nas experiências grupais juvenis. Ao falar do tema, uma das jovens afirma:

Uma experiência marcante na parte pessoal são as amizades, porque não tem o que pague, não tem coisa melhor, tu poder confiar em alguém e ter confiança recíproca. Também tem a parte de estar sempre recebendo informações de alguma maneira, acho que é isso que contribui no meu cotidiano, a minha aprendizagem e a amizade: aprendizade (risos). (Érica, Instituto InGá).

A jovem destaca dois aspectos que marcaram sua trajetória, a aprendizagem e a amizade. A partir de ambos ela cria um neologismo, “*aprendizade*”. Surpreendendo a si

mesma e diverte-se com sua criação, pois provavelmente nunca havia pensado nessa palavra. Em relação à amizade sua ênfase recai na dimensão da confiança, que ela considera algo muito especial e “não há o que a pague”. Ela sugere, portanto, que a sua trajetória no grupo é balizada pelas relações de amizade que foram estabelecidas.

Vários jovens destacam que a participação nos seus grupos constitui para eles “uma missão”, uma “causa de engajamento”, conforme se visualiza na seguinte narrativa:

Eu encaro isso como uma missão, como um deleite. É claro que existem alguns momentos amargos, alguns são salgados, outros são doces, todos os sabores aí interessantes. Eu me sinto fazendo o que tem de fazer. Eu tenho a tranquilidade e a clareza de estar fazendo uma coisa importante para a humanidade, pra cidade, pra mãe terra. É um trabalho bem lento, por isso acho que é um trabalho bem meritoso, de ver esses sete anos aí e ver o quanto a gente já avançou. (Vinícius, Instituto InGá).

Seu depoimento pode ser relacionado àquilo que Lipovetsky (1992) chama de cidadania planetária, ou seja, um novo tipo de “ética de síntese que reconcilia ecologia e economia, moral e eficácia, qualidade e crescimento, natureza e proveito” (LIPOVETSKY, 1992 *apud* MUXEL, 1997, p. 162). Tal propósito contribui para as experiências dos jovens participantes do InGá, a ponto de afirmarem que se sentem parte de uma grande família, cujos membros podem ser considerados seus irmãos.

De acordo com Serna (1997), uma das características que marca a participação dos jovens em causas sociais é o seu caráter de concretude. O relato da jovem Poliana é emblemático para perceber como a dimensão concreta das ações tem um significado especial para os jovens:

Teve um momento recente, há pouco tempo, em que conversando com um menino de um grupo de jovens da nossa cidade, ele comentou que tinha duas balas (de revólver), no corpo, que eram em função de ele ter estado envolvido com o tráfico de drogas. Esta conversa com ele foi marcante porque deu mais sentido ainda para o meu envolvimento com a Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens, de mostrar que a gente não está fora da realidade. Quanto mais a gente conhece a realidade, mais a gente vê que tem sentido e significado esta campanha e de quão urgente é esta bandeira da defesa da vida da juventude, pois a gente tem o direito de viver. (Poliana, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Na mesma perspectiva, outro relato de uma jovem do Cursinho Zumbi também expressa como eles percebem a dimensão dos resultados concretos em seus itinerários:

Para mim, o sentido em estar no Zumbi é tentar fazer alguma coisa pelos outros e alguma coisa por mim também. Se a gente for pensar, é uma coisa pequena, mas se tu for pensar tudo o que a gente faz é muito pequeno, mas, talvez, é grande para alguém. De repente, se um daqui da turma passar no vestibular, a gente vai ter feito uma grande coisa pra uma pessoa, o que já é maravilhoso. (Bibiana, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

Dentro do eixo do futuro, os jovens relatam contribuições dos seus coletivos para as suas escolhas e opções profissionais, seja nos sentidos das topias (projetos e lugares concretos), seja nas utopias (ideais, sonhos) que foram produzidas a partir da inserção no grupo. Aí se destacam as inspirações geradas pelo grupo, relativas aos projetos de futuro, coletivos, mas também singulares e pessoais.

Ao falar disso, um dos jovens destaca:

O que une as pessoas no InGá é um tipo de utopia, é a força que brilha no coração das pessoas, elas se conectam por uma vontade de transformar, uma vontade de mudar a sociedade, de dar respostas à sociedade, à cidade, essa coisa toda. (Miguel, Instituto InGá).

Sposito (2000) ao refletir sobre o tema da utopia destaca:

Mesmo que de forma fragmentada, fluida e instável, na ação voluntária protagonizada pela juventude há uma espécie de antecipação da utopia, anunciando *hoje*, e de forma profética, uma outra possibilidade da vida em conjunto. Essa motivação que emerge nas sociedades complexas e que encontra nos segmentos juvenis uma disponibilidade, mesmo que difusa, conteria elementos antagonistas porque desafiaria o poder, ao inverter a lógica dominante instrumental, construindo alternativas de sentido. (SPOSITO, 2000, p. 88). [*grifos do original*].

A autora enfatiza que o envolvimento dos jovens em projetos concretos possibilita o que ela designa como uma espécie de antecipação da utopia, movida pelo desejo de outras possibilidades de vida nas sociedades complexas, ainda que assuma uma condição difusa.

Considerações finais

A investigação empreendida neste estudo buscou, através das narrativas dos próprios jovens, compreender os sentidos que a participação em seus grupos tem em suas vidas. Deste modo procurou-se deslocar o olhar do normativo e do institucionalizado concernente a estes coletivos, privilegiando o relato dos próprios sujeitos jovens e a sua “leitura” sobre a sua participação. Nesta perspectiva, há uma mudança de enfoque do “dever ser” e dos objetivos e das ações realizadas pelos grupos, para aquilo que é apropriado pelos jovens, a partir da experiência pessoal.

Autores que discutem o tema da juventude e participação social (ABRAMO, 2004), (SERNA, 1997), (REGUILLO, 2000), (MELUCCI, 2001), (TRILLA, 2001), (BENEDICTO E MORÁN, 2002), (NOVAES; VIDAL, 2005), (FEIXA, 2006; 2011), (URTEAGA, 2011), afirmam que os jovens continuam participando ativamente de seus contextos sociais, porém, de modos diferentes, com outras causas e com expectativas novas, em relação às formas de participação de outros tempos. Para conhecer e compreender de modo mais detalhado estas perspectivas, “culturas juvenis foi uma noção chave para reintroduzir o sujeito jovem como ator e poder se fazer ouvir as vozes dos segmentos juvenis marginalizados da investigação social” (URTEAGA, 2011, p. 19), superando os paradigmas teóricos adotados pelo culturalismo e pelo funcionalismo. (URTEAGA, 2011, p. 253).

De algum modo, todos os jovens participantes da pesquisa enfatizam que suas vidas seriam diferentes caso não participassem do grupo, sugerindo, portanto, que o mesmo constitui-se como um elemento demarcador de seus itinerários pessoais.

Os dados da pesquisa aqui empreendida sugerem que não necessariamente deva ser apenas um (instituição) ou outro (culturas juvenis) os responsáveis pelo fomento à participação. Os quatro coletivos enfocados, em alguma medida, possuem algum grau de institucionalização ou de pertencimento a uma organização maior na qual não participam somente jovens. Mesmo nestas condições, os jovens demonstraram na pesquisa, que possuem um espaço significativo nestes grupos, que lhes possibilita serem sujeitos ativos nos projetos em que se envolvem. Cabe ressaltar, porém, que, todos eles são espaços formativos não formais.

Talvez o desafio maior esteja relacionado às instituições de educação formal, as quais apresentam maior dificuldade em oferecer espaços às culturas juvenis, conforme

referem autores que pesquisam o tema (Sposito, 2000, 2009; Dayrell, 2003, 2008). Nos relatos dos jovens, as escolas aparecem em vários momentos como espaços em que faltam oportunidades de participação e de oferta de situações de aprendizados diferenciados. Tais apontamentos sugerem que as instituições escolares podem aprender acerca das contribuições educativas que as organizações não-formais proporcionam aos jovens que delas participam, qualificando, deste modo, os seus processos de educação.

Outro aspecto a destacar refere-se à metodologia adotada nesta investigação, em que as entrevistas realizadas pelos jovens em seu próprio coletivo constituíram-se como eventos de construção das narrativas pessoais, possibilitando momentos em que eles puderam expressar os sentidos marcantes que os grupos tiveram em suas vidas.

Por fim, este estudo demonstrou que a participação social juvenil em coletivos que desenvolvem um determinado projeto de atuação concreta possibilita aos jovens uma experiência que elabora sentidos diversos para suas vidas, alguns verdadeiramente profundos e de difícil mensuração ou formulação discursiva; outros que encontram nas palavras disponíveis aos jovens possibilidades de serem ditos, reafirmados, enfatizados.

Referências

- ABRAMO, Helena. **Participação e organizações juvenis**. Recife: Fundação Kellogg, 2004.
- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.
- ARENDT, Hannah. Trad. Reinaldo Guarany. **O que é política?** Fragmento das obras póstumas de Ursula Ludz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BENEDICTO, Jorge; MORÁN, María Luz. **La construcción de una ciudadanía activa entre los jóvenes**. Madrid: INJUVE-Instituto de Juventud, 2002.
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Quebrando mitos: juventude, participação e políticas**. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: RITLA, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil**. Cadernos de estudo da CNBB – nº 76. São Paulo: Paulus, 1998.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, n. 24, set/dez, 2003. p. 40-52.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. Observatório Jovem. Rio de Janeiro, 2008.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. In: **História da Educação**. ASPHE, Pelotas, n.8, p.141-174, set. 2000.

FEIXA PÀMPOLS, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus**. 3ª ed. Barcelona: Ariel, 2006.

_____. **Conferencia inaugural: Juventut i moviments socials**. In. XIV Fòrum d'Estudis sobre la Joventut: joves, mobilitzacions i moviments. Lleida: Universitat de Lleida, 2011.

KAUFMANN, J. C. **L'entretien compréhensive**. Paris: Nathan, 1996.

LAPASSADE, George. **Les microsociologies**. Paris: Desclée de Brouwer, 1996.

MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. **Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas**. Brasília, 1998; ABRAMOVAY, Miriam *et alii*. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

MANNHEIM, Karl. **Sociologia da cultura**. Tradução de Roberto Gambini. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Coleção Estudos n. 32).

MUXEL, Anne. Jovens dos anos 90: à procura de uma política sem “rótulos”. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Editora Autores Associados, n. 5 e 6, maio/ago. e set./dez., p. 151-166, 1997.

MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente: Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas**. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **O jogo do eu: A mudança de si em uma sociedade global**. Tradução de Adriano Marinho et al. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

_____. **Por uma sociologia reflexiva: Pesquisa qualitativa e cultura**. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2005.

NOVAES, Regina; VIDAL, Cristina. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In. THOMPSON, Andrés A. (org.). **Associando-se à juventude para construir o futuro**. São Paulo, Peirópolis, 2005.

REGUILLO, Rossana. **Emergencia de culturas juveniles**. Estrategias del desencanto. Enciclopedia Latinoamericana de Sociocultura e Comunicação. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2000.

RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SERNA, Leslie. Globalización y participación juvenil. In: **Revista JOVENes**. México: DF, Julio-diciembre, Año I, n. 5, 1997. P. 42-57.

SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: ANPED, n. 13, 2000.

_____. **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Edvcere, 2009. v. 2.

TRILLA, J.; NOVELLA, A. **Educación y participación social de la infancia**. Revista Iberoamericana de Educación. Nº 26, págs. 137-166, 2001.

URTEAGA, Maritza. **La construcción juvenil de la realidad: jóvenes mexicanos contemporâneos**. México D.F. Casa Abierta al Tiempo; Juan Pablos Editor, 2011.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2006: os jovens do Brasil**. Brasília: OEI, 2006.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência dos municípios brasileiros 2008**. Brasília: RITLA, Instituto Sangari, Ministério da Saúde, Ministério da Justiça, 2008.